

Conversa de Quem Recebe em Dólar

Rubem Braga

F AIRE LE MORT — foi o conselho que me deu certa vez um velho funcionário brasileiro instalado em Paris. E explicou:

— «Se v. se sentir bem onde está, no estrangeiro, fique o mais quieto possível; faça-se esquecer no Brasil. Nada de cartas contando histórias. Nada de cartões postais com paisagens bonitas. Os amigos a quem você manda esses cartões podem ficar sinceramente alegres por v. estar contente e se lembrar deles. Mas também podem falar disso a pessoas não tão amigas, e a reação imediata é esta: «É mesmo, que sopa! Eu aqui dando duro e aquele gaiato numa boa vida lá na Europa! Ganhando em dólar!» Daí a alguém procurar tirar seu emprego é um passo. No serviço não convém ter muitas iniciativas, sugerir muitas coisas — sobretudo não se afaste nunca um milímetro da rotina. Isso chama a atenção. Tudo o que v. puder fazer de novo é discutível. A coisa é esta: ficar quieto, faire le mort... Trabalhe direitinho, só o essencial, tenha as contas sempre em ordem — e silêncio! Sobre tudo não mande cartões postais!»

Ainda para uso dos servidores no estrangeiro. O embaixador de certo país africano se queixava outrô dia de que mandara uma carta para seu Ministério e ainda não recebera resposta. E comentava que seu país era muito novo, lutava com falta de quadros, os serviços públicos eram desorganizados... Mas o embaixador de um país europeu que tem fama de ser um modelo de organização comentou:

— «Tenho vinte e cinco anos de carreira. No começo eu reclamava respostas, telegrafava, telefonava; em uma semana gastava toda a verba de correspondência de um trimestre. Agora não. Toda vez que recebo resposta a uma pergunta, a um pedido ou a uma sugestão, considero isso uma agradável surpresa e passo uma semana inteira bem-humorado... Um Ministério de Exteriores é como Deus: está em toda parte, sabe tudo, provê tudo. Mas o mundo é grande, e é natural que Deus de vez em quando esteja ocupado com outras coisas...»

E para acabar, a queixa que ouvi de um diplomata americano, e que poderia ser feita por qualquer diplomata brasileiro que serve em país onde aparecem turistas brasileiros:

«— Cada cidadão norte-americano em viagem pelo exterior acha que Embaixadas e Consulados existem apenas para servi-lo. O mínimo que exige é que minha mulher leve a sua para fazer compras — e que eu lhe arranje outra mulher para distrai-lo enquanto isso. Às vezes tenho de explicar a um desses patrícios que não ganho propriamente para servi-lo, mas para servir aos interesses dos outros milhões de patrícios que ficaram nos Estados Unidos — isto é, à Nação...»

DN - 14.9.67

356